

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO ENSINO -APRENDIZAGEM

Ormenzina Garcia da Silva ¹
Elaine Cristina Navarro ²

RESUMO

O objetivo do presente artigo é destacar a importância da relação professor aluno no processo de ensino aprendizagem no espaço da sala de aula, e isso vai depender fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos e da criação de elos entre o seu conhecimento e deles, visando à formação de cidadãos conscientes. E para tanto, o professor deve oferecer oportunidades para que a aula seja de fato, um lugar de desenvolvimento de potencialidades, crescimento intelectual e descoberta de valores que irão contribuir para o seu desenvolvimento pessoal de cidadão.

PALAVRAS-CHAVE: Relação; Professor /aluno; Ensino; Aprendizagem;

ABSTRAT

The goal of this article is to highlight the importance of teacher student learning in the teaching process in the space of the classroom, and this will depend fundamentally, the climate established by the teacher, of empathic relation with his students and the creation of linkages between their knowledge and of them, aimed at training of citizens aware. And so, the teacher must provide opportunities for the classroom is in fact a place of potential development, intellectual growth and discovery of values that will contribute to their personal development of citizens.

KEY-WORDS: Relationship; Teacher/student; Teaching; Learning

1 Pedagoga, aluna do curso de Pós-graduação lato sensu em Psicopedagogia, oferecido pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia. ormenzina@hotmail.com

2 Docente orientadora. Professora das Faculdades Unidas do Vale do Araguaia, graduada em Letras/literaturas e Licenciatura em Pedagogia, com especialização em Docência Multidisciplinar da Educação Infantil e anos Iniciais do Ensino Fundamental, concluindo Mestrado em Educação. elaine@univar.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho ressalta a importância da relação professor-aluno no processo de ensino aprendizagem, direcionando a discussão para o aspecto de sua relevância dentro da educação, por compreender-se que todo relacionamento é arraigado de afeto, sendo este o principal componente nas relações humanas.

Para tanto, a relação professor-aluno é uma forma de interação que dá sentido ao processo educativo, uma vez que é no coletivo que os sujeitos elaboram conhecimentos. Por isso, o docente precisa refletir a todo o momento sobre sua prática, fundamentando-se em uma base teórica e sólida.

Atualmente, o docente reconhece suas possibilidades e limitações. Nesse sentido, a dinâmica ensino-aprendizagem que envolve a interação professor-aluno deve abranger todos os aspectos, englobando assim as suas condições de vida, sua relação com a escola, a percepção e a compreensão do conhecimento sistematizado a ser estudado.

É fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (FREIRE 1996, P.43).

Dessa forma, não resta dúvida que na formação docente é de suma importância que o futuro profissional tenha consciência de que o pensar certo não é nenhum presente, e nem é como receita de bolo, pelo contrário, ele supera os grandes desafios dessa profissão, e que há necessidade de querer e buscar o que se pretende no âmbito da profissão.

Portanto, entendemos que este trabalho pode contribuir de maneira positiva para os educadores, que

assim como eu, preocupam-se com o desempenho dos seus alunos e reconhecem a importância da relação/professor/aluno no processo de ensino-aprendizagem voltado para a formação de cidadãos participativos, críticos, criativos.

1.1 A importância da relação professor /aluno no ensino-aprendizagem

O objetivo deste trabalho é ressaltar a importância da relação professor-aluno no processo ensino aprendizagem que aparece como ponto forte nas escolas e deve ser visto como ponto chave para o pleno desenvolvimento da criança. Podemos dizer que essa relação é o cerne do processo pedagógico. Afinal, esse contato pode estabelecer um movimento de conexão entre a realidade escolar e a realidade do mundo que é vivenciada pelos alunos, fazendo da escola um local de troca de vivências.

A relação entre ensino e aprendizagem não é mecânica, não é uma simples transmissão de conhecimento, esse processo não configura-se apenas no fato de que se ter um professor que ensina para o aluno que aprende. Ao contrário, é uma relação recíproca na qual se destacam o papel do dirigente, do professor e da atividade dos alunos. Assim,

A relação professor-aluno passa pelo trato do conteúdo de ensino. A forma como o professor se relaciona com sua própria área de conhecimento é fundamental, assim como sua percepção de ciência e de produção do conhecimento. E isto interfere na relação professor-aluno, e parte desta relação. (VEIGA, 1993, p.147).

Segundo Morales (1998, p.49):

A relação professor-aluno na sala de aula é complexa e abarca vários aspectos; não se pode reduzi-la a uma fria relação didática nem a uma relação humana calorosa. Mas é preciso ver a globalidade da relação professor-aluno mediante um modelo simples relacionado diretamente com a motivação, mas que necessariamente abarca tudo o que acontece na sala de aula e há necessidade de desenvolver atividades motivadoras.

Assim sendo, as relações entre docentes e discentes envolvem comportamentos intimamente relacionados, em que as ações de um desencadeiam ou promovem as do outro. Dessa maneira, o aluno não é um depósito de conhecimentos memorizado, como se fosse um fichário ou uma gaveta. O aluno é um ser capaz de pensar, refletir, discutir, ter opiniões, participar, decidir o que quer e o que não quer. O aluno

é gente, é ser humano, assim como o professor. Nesse sentido, Libâneo resalta que:

As relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula fazem parte das condições organizativas do trabalho docente, ao lado de outras que estudamos. (1994, p.249).

Portanto, embora complexas as relações humanas, elas são peças fundamentais na realização de mudanças em nível educacional e comportamental. Isso significa que o professor não deve preocupar-se somente com o conhecimento por meio de informações, mas também com o processo de construção da cidadania do aluno através do relacionamento entre os sujeitos aprendentes.

O educando deve ser considerado como sujeito interativo e ativo no processo de construção do conhecimento. Por isso, o professor tem um papel de grande relevância no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que se apresenta como pessoa mais experiente e com mais conhecimento sistematizado do que do aluno. O trabalho do professor em sala de aula, bem como seu relacionamento com os alunos é expressado pela relação que ele tem com a sociedade e com cultura.

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade. (ABREU & MASETTO, 1990, p.115)

Desse modo, o professor deve ser consciente de que seu papel é o de facilitador de aprendizagem, ou seja, agir como intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para assimilação ativa do conhecimento, a partir de abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos, visando à formação de cidadãos conscientes.

1.2 Relação/professor/aluno - a geração de conhecimento

A relação professor-aluno é uma condição indispensável para a mudança do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Apesar de estar intimamente ligada às normas e programas da unidade de ensino, a interação do professor com o aluno forma o centro do processo educativo. Nesse contexto, o aspecto da transformação de conhecimento faz parte da relação pessoal entre docente e discente, para tanto, as regras disciplinares impostas pelo sistema tradicional necessitam ser mudadas. Dentro desse processo, essa relação deve estar pautada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o educando para

o crescimento interno. Além disso, cabe também ao professor adotar procedimentos, que vão além de invocar os componentes da construção do conhecimento com a fala, da escrita, da leitura e do ato de pensar mediados pela construção do conceito, sejam capazes de oferecer oportunidades para que a aula seja, de fato, um lugar de desenvolvimento de potencialidades, crescimento intelectual e de descoberta de valores e de rumos que irão influir no desenvolvimento pessoal do aluno na construção de sua cidadania.

O processo de ensino não se limita à transmissão de conhecimentos, à estrutura, mas sim a adequar o conteúdo à realidade do aluno. Isso pode ocorrer por meio de uma postura, que não seja, só através de conteúdo escolar, para que o educando também possa mudar sua visão de mundo diante de fatos cotidianos, que associados aos conteúdos poderão proporcionar uma mudança meio de uma aprendizagem mais significativa.

Ao professor crítico não basta que denuncie as injustiças sociais, que esteja engajado num sindicato ou partido ou que explicita o caráter ideológico dos conteúdos escolares. É preciso antes de tudo, que dê conta de traduzir objetivos sócio-políticos e pedagógicos em formas concretas de trabalho docente que levam ao domínio sólido e duradouro de conhecimentos pelos alunos, que promovam a ampliação de suas capacidades mentais, a fim de que desenvolvam o pensamento independente, a coragem de duvidar e, com isso, ganhem convicções pessoais e meios de ação prática nos processos de participação democrática na sociedade. (LIBÂNEO, 1994, p.100).

No entanto, entende-se que o ensino é essencialmente social, pois envolve necessariamente relações com outras pessoas, e por isso, o professor não deve preocupar-se somente com conhecimento, adquirindo-o apenas por meio da absorção de informações, mas também pelo processo de construção da cidadania.

Dessa maneira, o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente, pelas atitudes e métodos de motivação adotados pelo docente na sala de aula.

O aluno, enquanto sujeito, constrói o seu conhecimento, bem como sua realidade social através das interações. Essa visão de aprendizagem salienta a construção do significado e do conhecimento como um processo social em que os participantes, por meio do diálogo, criam um conhecimento.

No relacionamento professor-aluno, há trocas de experiências e de conhecimentos, no qual o professor, estando no lugar de quem deve ensinar, de transmitir conhecimentos, também aprende com a realidade de cada aluno; e o aluno no lugar de quem recebe ensinamentos também ensina e aprende mesmo sem intencionalidade. Para Freire (1996, p.52) “saber

que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. E isso se dá no relacionamento estabelecido entre professores e alunos.

Para assegurar a relação conhecimento-prática. Libâneo (1994, p.156) ressalta que deve-se estabelecer vínculos entre conteúdos, as experiências e os problemas da vida prática; pedir para os alunos sempre fundamentem aquilo que realizaram na prática, mostrar a relação dos conhecimentos científicos com os de outras gerações. Cabe ao professor, em sala de aula, estimular e dirigir o processo de ensino-aprendizagem, utilizando um conjunto de ações, passos e procedimentos de acordo com o nível do grupo de alunos.

A perspectiva construtivista na educação é configurada por uma série de princípios explicativos do desenvolvimento e da aprendizagem humana que se complementam, integrando um conjunto orientado a analisar, compreender e explicar os processos escolares de ensino e aprendizagem.

O conhecimento não é visto como algo situado fora do indivíduo, a ser adquirido por meio de cópia do real, tampouco como algo que o indivíduo constrói independentemente da realidade exterior, dos demais indivíduos e de suas próprias capacidades pessoais. É, antes de qualquer coisa, uma construção histórica e social, na qual interferem fatores de ordem cultural e psicológica e ainda o relacionamento harmonioso dos sujeitos aprendentes.

Pensar certo-e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo – é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos. É difícil, não porque pensar certo seja de forma própria de pensar de santos e anjos e a que nós arrogantemente aspirássemos. É difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temos de exercer sobre nós próprios para evitar simplismos, as facilidades, as incoerências grosseiras. (FREIRE, 1996, p.54).

O professor deve ter propostas claras sobre o que, quando e como ensinar, a fim de trocar o planejamento de atividades de ensino para a aprendizagem de maneira adequada e coerente com seus objetivos.

Portanto, para que haja geração de conhecimento é necessário compreender que o ato de ensinar requer uma postura pedagógica dialética, pois o diálogo pode ser uma fonte de riqueza de alegria que só acontece quando os interlocutores têm voz ativa sem limitar ou impor.

Nesse sentido, aprender a aprender não é mais que a condição em que o aluno assume conscientemente a construção do

conhecimento, aprende como fazê-lo e utiliza os conteúdos internalizados (conceitos, habilidades, atitudes, valores) em problemas e necessidades da vida cotidiana.

Diante desses conceitos em relação ao ato de ensinar, verificamos que existem várias formas para designar o ato educativo.

1.3 Repensar a prática docente em sala de aula para aulas prazerosas e a participação ativa do aluno

O trabalho do professor em sala de aula, seu relacionamento com os alunos, suas características de personalidade que contribuem para uma aprendizagem adequada dos alunos, fundamentam-se numa determinada concepção do docente, fazendo retroceder valores e padrões da sociedade. Essa postura busca educar para a mudança, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global. Para isso, Cury recomenda ao docente que:

Seja um professor fascinante. Fale com uma voz que expresse emoção. Mude de tonalidade enquanto fala. Assim, você cativará a emoção, estimulará a concentração e aliviará a SPA dos alunos. Eles desacelerarão seus pensamentos e viajarão no mundo das suas idéias. (2003. p.64).

A citação do autor nos remete ao cotidiano da sala de aula e nos desperta para adotarmos práticas pedagógicas que venham ao encontro desse professor fascinante, e com isso, possamos ser mestres da sensibilidade, com capacidade de perdoarmos, fazermos amigos, e, acima de tudo de nos socializarmos.

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996, p. 96).

É senso comum entre os professores que a indisciplina e o desinteresse dos alunos se apresentam como um dos grandes problemas que interferem direta ou indiretamente no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, cabe ao docente estabelecer um clima de confiança, empatia e respeito entre professores e alunos a fim de desenvolver a leitura, a escrita a reflexão, a aprendizagem e a pesquisa autônoma, tornando as aulas mais prazerosas. Para tanto, a construção e renovação das práxis – pedagógicas é uma das ferramentas mais eficazes para melhorar o processo de ensino-aprendizagem, acredita-se ser necessário ter

como objetivo a garantia de um ensino de qualidade a todos, isso implica em uma reestruturação dos programas e planos de ensino, bem como da postura pedagógica dos professores, responsáveis diretos pelo sucesso do processo. O professor deve ter, prioritariamente, o intuito de buscar inovações, dar aulas criativas e diversificadas e também preparar projetos que envolvam toda equipe escolar, o professor deve estar em permanente preparação, pois:

O processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do professor e dos alunos. Estes pelo estudo das matérias, sob a direção do professor, vão atingindo progressivamente o desenvolvimento de suas capacidades mentais. A direção eficaz desse processo dependendo do trabalho sistematizado do professor que tanto no planejamento como no desenvolvimento das aulas, conjuga objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas do ensino. (LIBÂNEO, 1994, p.149).

Nesse sentido, o planejamento do trabalho docente assume papel de suma importância, já que esse planejamento deve ser contínuo, coletivo e interativo, caracterizando-se como meio capaz de aperfeiçoar e facilitar o trabalho do professor dentro e fora da sala de aula, a aprendizagem ultrapassa os limites da sala de aula.

Assim, compreende-se que o conhecimento se processa por meio de valores que embasam e justificam a aprendizagem pelas relações interpessoais dos sujeitos envolvidos no processo educativo que convivem em sala de aula. De acordo com Veiga (1994, p.5) “[...] ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia de nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais.”

Desse modo, a reflexão sobre a importância e o papel do professor e do seu relacionamento com o educando, vai bem mais além, pois, estamos diante de constantes mudanças, em que o novo sempre traz expectativas que muitas vezes são obscuras, preocupam e deixam profissionais perdidos.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, especificamente o de volume 1: Introdução (1998, p.31) ressalta que:

A interação social em situações diversas é uma das estratégias mais importantes do professor para promoção de aprendizagens pelas crianças. Assim cabe ao professor propiciar situações de conversas, brincadeiras ou aprendizagens orientadas que garantam a troca entre crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar, e de sentir em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a auto-estima.

Dessa forma, é de grande relevância salientar que a criança tenha crescimento por meio de interação social, nas quais conflitos e negociação de sentimentos, ideias e soluções são elementos de grande importância para a construção da aprendizagem.

Diane disso, o professor assume papel de destaque na sociedade, o de articulador, construindo e conduzindo o fazer pedagógico de forma a atender os anseios da sociedade em relação à educação.

Quando falamos em aprender, entendemos: buscar informações, rever a própria experiência, adquirir conhecimentos, desenvolver habilidades, adaptar-se a mudanças, mudar comportamentos, descobrir o sentido das coisas dos fatos, dos acontecimentos [...] (MASSETO, 1994, p.45).

Portanto, o professor precisa ter sempre em mente que o aluno não é um fichário ou gaveta para depósito de conhecimentos memorizados, mas que ele é capaz de pensar, refletir, discutir, ter opiniões, senso crítico, participar e decidir sobre o que deseja para si ou não. E que o processo de ensino-aprendizagem é constante.

O professor deve proporcionar condições e meios para os alunos se tornarem sujeitos ativos no processo de apropriação do saber sistematizado, para isso deve-se propiciar situações que favoreçam o diálogo entre aluno\aluno-professor\aluno e proporcionar situações que despertem o interesse dos alunos na apropriação dos conhecimentos sistematizados e estruturados, passo a passo, de acordo com a organização escolar.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para Matemática (1997. p. 40):

Numa perspectiva de trabalho em se considere a criança como protagonista da construção de sua aprendizagem, o papel do professor ganha novas dimensões. Uma faceta desse papel é a de organizador da aprendizagem, para desempenhá-la, além de conhecer as condições socioculturais, expectativas e competência cognitiva dos alunos.

Se o professor realmente deseja ser um educador dinâmico deverá criar situações em sua classe de forma sistematizada, com trabalhos desenvolvidos por meio de projetos que envolvam questões de interesse da turma, levando o aluno a um ambiente motivador, voltado para uma aprendizagem mais significativa.

Outro saber fundamental a existência educativa é o que diz respeito à sua natureza. Como professor preciso me mover com

clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho. (FREIRE, 1996, p.76).

Portanto, a renovação da prática pedagógica é realmente um fator diferencial quando ela é constantemente repensada, ainda mais se englobar todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, unidos no mesmo objetivo, formar sujeitos conscientes.

Em cada um dos momentos do processo de ensino o professor esta educando quando: estimula o desejo e o gosto pelo estudo, mostra a importância dos conhecimentos para a vida e para o trabalho, exige atenção e força de vontade para realizar as tarefas; cria situações estimulantes de pensar, analisar, relacionar aspectos da realidade estudada nas matérias; preocupa-se com a solidez dos conhecimentos e com o desenvolvimento do pensamento independente; propõe exercícios de consolidação do aprendizado e da aplicação dos conhecimentos. (LIBÂNEO, 1994, p.99)

Aprender ou conhecer é ampliar o que já sabe no desafiador e fascinante encontro ou confronto de saberes diferentes, e para que isso aconteça é necessário promover situações em que os alunos se defrontem com os diferentes saberes e conhecimentos. O ato social pedagógico centrado no conhecimento como construção é, por exigência, interativo, interpessoal, participativo e democrático. Essa forma de ver exige que a gestão da escola seja compartilhada. A responsabilidade de todos os segmentos e atores da prática educativa escolar é inerente à relação entre as pessoas envolvidas na aventura humana de ampliar o saber e construir as capacidades e as condições subjetivas para que todos sejam sujeitos da história.

Aprendizagem e ensino formam uma unidade, mas não são atividades que se confundem uma com a outra. A atividade cognoscitiva do aluno é a base e o fundamento do ensino, e este dá direção e perspectiva àquela atividade por meio dos conteúdos, problemas, Métodos, procedimentos organizados pelo professor em situações didáticas específicas. (LIBÂNEO, 1994, p.86)

No entanto, o autor nos remete a conclusão de que todas as atividades da aprendizagem escolar têm que ser planejadas, visando atingir os objetivos propostos. E, de acordo com o Referencial Curricular

Nacional para a Educação Infantil volume 01, mais especificamente de introdução (1998 p 18).

A polêmica entre a concepção que entende a educação deve principalmente promover a construção das estruturas cognitivas e aquela que enfatiza a construção de conhecimentos como meta da educação, pouco contribui porque o desenvolvimento das capacidades cognitivas do pensamento humano mantém uma relação estreita com o processo das aprendizagens específicas que as experiências educacionais podem proporcionar.

Assim sendo, podemos ressaltar que as polêmicas relativas ao cuidar e ao educar, e sobre o papel do afeto na relação pedagógica em relação ao desenvolvimento cognitivo, têm constituído, necessariamente, sobre as concepções que constroem as propostas educativas, voltada para o desenvolvimento de uma pedagogia construtora de conhecimentos significativos e formadora de cidadãos sociais.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar é um processo pelo qual seus elementos principais – professor e aluno – devem ajustar-se na mediatização do conhecimento. Esse “ajuste” é condição essencial e necessária para o sucesso do processo, dessa forma, é necessário compreender que o educador deve estar profissionalmente capacitado para desenvolver e estimular a criatividade do educando rumo ao conhecimento. E ainda, compreender que o ato de ensinar e aprender é definido, de acordo com alguns pensadores, como sendo “um gesto de amor”, ou seja, dar um pouco daquilo que sabe a quem tem sede de aprender.

Nesse sentido, não resta dúvida que, para o sucesso do trabalho desse professor-educador, é de suma importância que ele desenvolva um auto-conhecimento, tenha controle emocional, pratique o bom relacionamento, e, acima de tudo ter a certeza de que escolheu a profissão certa. Isso contribuirá para que ele possa desenvolver com eficiência e segurança a ação pedagógica.

Portanto, é de grande relevância que o educador saiba se posicionar como um mediador, um organizador do tempo, do espaço, das atividades, dos limites, das certezas e até das incertezas do cotidiano do educando em seu processo de construção de conhecimento. Afinal, ensinar requer amor, dedicação, bom relacionamento com o outro e vontade de dividir conhecimento com quem busca o saber. Tudo isso representa um desafio para que possamos nos comprometer em oferecer as nossas crianças uma educação com mais qualidade, e, acima de tudo, com mais afetividade.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABC – FACULDADES UNIDAS DO VALE DO ARAGUAIA. **Elaborando Trabalhos Científicos** – normas para apresentação e elaboração/Univar – Faculdades Unidas do Vale do Araguaia. Barra do Garças (MT). Editora ABEC, 2008.

ABREU, Maria C & MASSETO, Marcos Tarciso. **O professor universitário em sala de aula**. São Paulo. MG Editores Associados, 1990.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro. Sextante, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo. Cortez, 1994.

_____. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo. Cortez, 1999.

MASSETO, Marcos Tarciso. **Didática: a aula como centro**. São Paulo. FTD, 1994.

MORALES, Pedro Vallejo. **A relação professor-aluno o que é, como se faz**. São Paulo. Editorial y Distribuidora, 2001.

Parâmetros curriculares nacionais: **matemática**/ Secretaria da Educação Fundamental. Brasília, 1997.

BRASIL, Referencial curricular nacional para a educação infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Volume1: **Introdução**; volume 2: **Formação pessoal e social**, 1998.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Repensando a didática do ensino**. Campinas SP, Papirus, 1993.